

# CHAMA

DE LUANDA A MAPUTO DE BICICLETA

ANTÓNIO PEDRO MOREIRA

NÃO FICÇÃO · VIAGENS

para os meus k.

# ÍNDICE

|                                                                 |     |
|-----------------------------------------------------------------|-----|
| Capítulo 1 · dia 1→dia 3 · ANGOLA . . . . .                     | 47  |
| Capítulo 2 · dia 4→dia 6 · ANGOLA . . . . .                     | 67  |
| Capítulo 3 · dia 7→dia 9 · ANGOLA . . . . .                     | 95  |
| Capítulo 4 · dia 10→dia 14 · ANGOLA. . . . .                    | 111 |
| Capítulo 5 · dia 15→dia 22 · NAMÍBIA . . . . .                  | 131 |
| Capítulo 6 · dia 23→dia 25 · ZÂMBIA . . . . .                   | 159 |
| Capítulo 7 · dia 26→dia 31 · ZIMBABUÉ . . . . .                 | 179 |
| Capítulo 8 · dia 32→dia 36 · ÁFRICA DO SUL . . .                | 203 |
| Capítulo 9 · dia 38→dia 40 · ESSUATINI E<br>MOÇAMBIQUE. . . . . | 219 |

**T**iro do meu bolso uma garrafinha de *whiskey* que comprei esta tarde e olho à volta. A escadaria do Templo Jagdish – que dá o nome à praça onde me encontro – está cheia de gente que observa os milhares de pessoas que se amassam cá em baixo, reunidas à volta de uma pira ao lado de um pequeno palco. As cúpulas do templo estão cobertas de luzinhas decorativas, que também caem dos prédios amarelos com abóbadas indianas à volta da praça, juntamente com balões de várias cores. Há antecipação, mas há, igualmente, o desfrutar de tudo o que uma estranha mistura de música indiana, latina e *techno* tem para oferecer. De vez em quando troco uns olhares com o Samuel, que, como eu, não sabe o que esperar.

Se, à minha volta, encontro quase exclusivamente homens, no palco a proporção é inversa, apenas mulheres e, entre elas, o João Gonçalo Fonseca. Espera! Aquele é o João Gonçalo Fonseca! Claro, é o Holi!, que melhor altura para organizar as suas viagens na Índia com a Landscape? Encontro-o momentos mais tarde, damos um abraço e combinamos jantar daí a duas horas. Depois aparece o Nuno Cruz – ao serviço da Papa Léguas – e já não me surpreendo tanto. Como se, repentinamente, se tivesse tornado normal encontrar pessoas conhecidas

na Índia. É ele quem me explica o significado de tudo aquilo. «As pessoas contam que dantes havia um rei, o Hiranyakashipu, que se julgava quase um deus. Ele proibiu a adoração de outros deuses, mas o filho dele adorava Vishnu... Então o rei pediu à sua irmã para o ajudar a matar o filho. A irmã tinha uma capa especial que a protegia do fogo, e a ideia dela era enganar o sobrinho e levá-lo para um sítio que depois ia incendiar para o matar. Só que, como ela estava a agir com más intenções, a capa voou dela para o sobrinho, e ele sobreviveu e ela morreu. Então esta pira é para celebrar isso, e aquela imagem representa essa mulher.»

Estou a olhar para o fogo, que se insurge em direcção aos céus, motivado pela loucura dos indianos à minha volta, quando um grupo de polícias aparece e começa a impor alguma distância entre as pessoas e as labaredas. Tropeçando em celebrantes que saltam como se quisessem sacudir os seus pecados, caminho um pouco a fugir do calor. Captados por milhares de telemóveis, foguetes rebentam no céu, na tentativa de afogar os urros dos locais que, por sua vez, parecem tentar afogar a música que já mal consigo ouvir.

É quando paro para me sentir um pouco aqui, a uma distância de segurança das bombinhas que rebentam na pira, que outras começam a rebentar uns metros ao meu lado. Essas, sem aviso nem protecção, causam uma corrida desenfreada de centenas de pessoas e eu corro também. Atiro-me contra a chapa de uma loja fechada, curvado com as mãos a taparem-me os olhos e os ouvidos, enquanto pequenas fagulhas me perfuram a camisa

e outras pessoas se refugiam ao meu lado. Quando acaba e olho à volta, reparo, através do fumo, nas expressões de entusiasmo infantil das pessoas à minha volta. «Isto poderia ter causado esmagamentos», ouço alguém a dizer, enquanto passa.

Recuperados do choque, vou ao encontro do João, dos seus doze viajantes e da Valérie – a sua esposa, que já não vinha à Índia há vinte e cinco anos. Estão no Rainbow, um restaurante perto da praça, invariavelmente num terraço. «Sabes o que estranho no pessoal das viagens?», pergunto, ao meu amigo, depois do jantar. «O quê?» «O pessoal parece que faz uma grande viagem... e depois já está. Continua a viajar a VIDA toda, mas assim uma grande viagem não faz mais... Percebes? Tu não sentes a necessidade disso?» «Ui, eu tenho  *muito* essa necessidade, pá... E tenho de fazer qualquer coisa...», responde o mítico homem que já pedalou dois anos na América do Sul com a esposa e os dois filhos de oito e dez anos, cada um dos quatro na sua própria bicicleta. «Eu sempre que faço uma, a modos que sei sempre que vou fazer uma próxima... só não sei quando, porque agora tenho o Noé», respondo.

Acordo às nove para a primeira festa matinal da minha VIDA que não será um *after* doutra festa qualquer. Tomo banho, escolho uma camisa para estragar e saio de casa com a minha toalha ao ombro, para mais tarde enrolar à cinta e proteger os calções. Passo pelas ruas vazias em direcção à música, pleno de entusiasmo sorridente. Atravesso o rio, procuro o Jorge Vassallo no nosso ponto

de encontro e, não o vendo, perscruto as ruas. «Pedro!», ouço, ao longe, o português a chamar, envergando uma longa túnica branca, escolhida para ser a tela de milhares de transeuntes neste dia. Damos um abraço e junto-me a ele e aos seus sete viajantes, que comem o pequeno-almoço numa espécie de garagem que serve panquecas, café e ovos mexidos.

Quando saímos, o Jorge mete uma peruca de cabelos encaracolados castanhos na cabeça, compramos saquinhos de cor numa loja ao lado e vamos seguindo o barulho em direcção à praça do dia anterior, enquanto espalhamos novas tonalidades nas faces uns dos outros.

Vamos abrindo caminho entre a música, que nos empurra como se não estivesse já em todo o lado, e vem-me à cabeça a noite anterior. Música, pessoas a dançar, agitação. Pode ser assim tão diferente? Será que o dia e a cor na cara das pessoas fazem assim tanta diferença?

Sim, faz. Faz toda a diferença. Alguns indianos passam por mim, apressados, carregando uma paleta na cara e ritmo nos movimentos. Apanho o que me rodeia na minha máquina fotográfica e vejo-me nela: um sorriso, uns olhos apertados contra o sol e alguma tinta. Cada vez mais perto, vejo a praça e a multidão que se abraça ao som oriundo de colunas invisíveis, enquanto soltam, em uníssono, uma vogal a acompanhar o ritmo dos seus saltos. Mais um passo, mais outro. A nuvem de poeira colorida começa a cair em mim, e quando chego ouço o MC perguntar: «Are you ready?». Não sei. Não sei se estou pronto, mas aqui estou, em Udaipur, no Holi por acaso, pois apesar de sempre ter tido a ideia de, um dia,

participar, só depois de ter marcado a viagem é que soube que ia coincidir com a celebração.

Quando entro na praça, os meus ombros começam a tocar nos ombros das outras pessoas, e há mãos que aparecem de todo o lado e se esfregam em mim. «Happy Holi, happy Holi», dizem, enquanto me tocam. Há um crescendo na música e, quando rebenta, aquela massa humana levita por um segundo, cai outra vez, levita mais um segundo, cai de novo, e eu vou levitando com todos, caindo com todos. Braços a chegar ao céu, caras pintadas e «happy Holi, happy Holi!». O som daquela música *techno*-indiana entra por mim adentro e embebeda-me, e a minha bebedeira dá-me olhos a toda a volta da cabeça, provocando uma overdose de sensação que se transforma em sentimento a cada segundo.

Ontem foi intenso, mas o que é isto? Respiro fundo e aprecio o que me rodeia. Vou dando os abraços que me pedem, observo o pessoal a dançar em magia, olho para cima e vejo indianos e turistas nas escadas do Templo de Jagdish. Atento nos meus compatriotas e eles são feitos de beleza, porque são feitos de felicidade.

Não sei quantas mãos de arco-íris me pintaram, mas, daí a nada, sou cor. Vou olhando à volta enquanto caminho e, às vezes, levanto a vista, notando as nuvens coloridas que rebentam uns metros acima, constantemente. «Vamos ao templo», diz o Jorge. Seguimo-lo, sem tanta dificuldade, pela multidão e subimos as escadas. Descalçamo-nos e entramos. Atravessamos um pátio e entramos numa cúpula onde, por alguma razão, só o lilás penetra. Através da poeira colorida vejo homens sentados

no meio, tocando pandeiretas e tambores enquanto uma dezena deles canta. Alguns têm turbantes, outros bigodes, e há um homem com os seus sessenta anos que canta mais alto e, quando abre os braços, é como se se expandisse para o resto do templo, para fora do tempo, para o mundo todo, e para mim. E eu vou andando, estando presente aqui, dentro do que vejo, mas ao mesmo tempo a ver-me, como se a celebração me tivesse duplicado e feito a repetição de quem sou flutuar por diferentes pontos de vista. Sou estes homens, sou aquele puto sentado à entrada com o seu saquinho, sou os meus amigos e sou eu, aqui.

Algum tempo depois, quando vou para o meu albergue para tentar descansar um pouco, reparo num homem fora do seu lar, a fumar um cigarro, todo pintado na cara. Passo por uma praceta rodeada de quatro ou cinco casas e observo, por uns segundos, as mulheres a dançar cheias de cor. De vez em quando apanho uma porta aberta e espreito discretamente, vendo as famílias lá dentro, sentadas no chão a comer, a conversar, a varrer ou a ver televisão, toda a gente cheia de cor.

O Holi é uma festa que dura uma manhã, mas o meu durou quarenta e oito horas. Nessa tarde cheguei ao quarto para dormir, mas não consegui. Era como se tivesse sido drogado e agora, apesar de cansado, as minhas pálpebras tivessem alergia umas das outras. Conheci a Stella uma hora depois, fomos para o terraço fumar, depois à procura de um restaurante e acabámos noutro terraço – sempre um terraço –, de onde saímos à meia-noite. A caminho do albergue, fumei com um grupo que

meteu conversa comigo e, quando cheguei, ainda encontrei mais outro grupo no terraço. Em Udaipur havia sempre alguém para conhecer, com a particularidade de que não existia aquela subserviência que se encontra tantas vezes fora da Europa. Ali as pessoas que metiam conversa comigo na rua eram interessadas, mas também interessantes, não tinham aquela vergonha e brilho nos olhos de quem mete conversa connosco só para tirar uma fotografia e depois não diz mais nada, observando-nos com reverência.

Tinha chegado a Udaipur vindo de Nova Déli, e daí segui para Chittorgarh. Prossegui para Jodhpur, depois Jaisalmer, Bundi, Mandu, Maheswar e Bombaím. Já não ia à Índia há doze anos e lembro-me de, no primeiro dia, depois de meia hora no metro, sair à rua em Nova Déli e sentir-me profundamente feliz. Era de noite e a pouca luz vinha de alguns postes dispersos como estrelas distantes, ou dos faróis dos carros e motas que passavam enquanto caminhava em direcção à casa da minha anfitriã. Sentia o cheiro a incenso a sair por baixo das lonas dos sem-abrigo, via as luzes dos *tuk-tuk* como candeias apressadas e perdidas na noite, e sentia que era precisamente ali que devia estar.

No dia do Holi fiz um vídeo a dizer que tinha sido um dos melhores dias da minha VIDA. Mas, de vez em quando – especialmente depois de ter chegado –, pensava na conversa que tinha tido com o João, no terraço do Rainbow.

A necessidade de fazer uma grande viagem.

A saudade das grandes viagens que fiz.